ASSOCIAÇÃO DOS ANTIGOS ALUNOS
DO LICEU DA HORTA | 1851 - 1977
BOLETIM N.º 55 – SETEMBRO DE 2025
www.aaalh.pt | aaaliceudahorta@gmail.com

50 ANOS DEPOIS FINALISTAS DE 74-75 NO LICEU



Aida Machado; Alda Bettencourt; Alexandre Simas; Alzira Santos; Ana Margarida Sequeira; Ana Armelim (✞); Ana Paula Goulart; Ana Paula Batista; António Faria; Arlindo Moura (✞); Armando Terra; Armando Castro; Arnaldo Machado; Belarmino Ramos; Carlos Pereira; Carlos Mesquita; Carlos Campos; Conceição Sousa; Delmar Bizarro; Dora Almeida; Estela Caldeira; Fernando Nascimento; Genuína Garcia; Helena Brandão; Hélia Pereira (✞); Hélio Naia (✞); Ilda Oliveira (✞); Inácio Leão (✞); Ivo Mesquita (✞); Ivone Fraião; João António Silveira; João Melo; João Madruga; João Santana; João Chaves; João Rodrigues; Jorge Magina; Jorge Caldeira; José António Sousa; José Soares (falecido); José Guilherme Machado; José Honorato Oliveira; José Luis Maciel; José Fontes; José Sousa; José Azevedo (✞); Lucia Quadrado; Lucia Ferreira; Luis Sousa (✞); Luis Rodrigues; Luis Bicudo; Luis Pereira; Luis Macedo (✞); Luis Campos (✞); Luis Paulo Évora; Luisa Noronha (falecida); Manuel Cardoso; Manuel Bettencourt; Alcinda Garcia; Alice Rosa; Amélia Braia; Graça Escobar; Lurdes Nunes; Maria do Rosário Maciel; Elisa Castelo Branco; Maria Elvira Neves; Maria José Sousa; Maria José Escobar; Lasalette Alvernaz; Natália Lacerda Melo Ferreira; Maria Olivia Alves; Mário Leão (✞): Natércia Pereira; Odete Frias; Rafael Nascimento; Regina Cardoso; Ricardo Pinheiro; Rosa Maria Rocha; Rui Leal; Tibério Silva; Vitor Duarte

5 DE AGOSTO DE 2025 – O REENCONTRO NO FAIAL

Realizou-se no passado dia 5 de agosto, um encontro dos Finalistas de 1974/75 do Liceu Nacional da Horta, momento marcado pela celebração da memória, do convívio e da história vivida por esta geração.

Os antigos alunos sublinharam o seu percurso, vivido em plena transformação da sociedade portuguesa, com a Revolução de Abril. Foi precisamente no 7.º ano deste grupo que se realizou a primeira greve às aulas no Liceu, nos dias 26 e 27 de fevereiro de 1975, em solidariedade com os colegas de Angra e Ponta Delgada, episódio que ficou registado na imprensa local da época, como o Telégrafo e o Correio da Horta.

Durante o encontro, evocaram-se memórias de vida académica e de convívio, como as passadas na antiga Casa das Florinhas – então conhecida como Lar Académico e hoje Casa Manuel de Arriaga – reforçando a importância de registar e preservar estas experiências. Foram recebidos e acompanhados pela Rita Dias na visita à Casa Manuel de Arriaga que terminou com um momento de conversa com os rapazes que estiveram alojados no Lar Académico bem como as histórias contadas pelos que frequentavam também o Lar.

O evento contou ainda com o apoio de várias instituições e pessoas que contribuíram para o seu sucesso: Sociedade Amor da Pátria, que lhes proporcionou o espaço para o convívio; Museu da Horta, na visita à Casa Manuel de Arriaga; Escola Básica e Integrada António José d'Ávila, para a fotografia histórica do encontro; José Manuel Garcia, responsável pela execução do boletim; Pároco da Matriz com a celebração da missa por intenção dos colegas falecidos; e ainda o momento musical proporcionado pelos músicos Rute, Isaac e Inês, que abrilhantaram a celebração.

Meio século depois, os Finalistas de 1974/75 recordaram que, apesar do tempo decorrido, as vivências no liceu permanecem tão vivas como se tivessem acontecido ontem. O encontro terminou com uma saudação especial à vida e à amizade que os voltou a reunir.



Comissão Organizadora:
Genuína Sousa, Fernando Nascimento, José Fontes, Carlos Campos, Lurdes Nunes

LICEU DA HORTA (REVISITAÇÃO DA MEMÓRIA)

Cheguei à cidade da Horta no ano de 1970, a bordo do naviomotor "Terra Alta", mais morto que vivo. O amanho da terra ao qual eu estava habituado não acertava com aquele baloiçar irrequieto das ondas.

Era a primeira vez que deixava o Topo (S.Jorge) e, consequentemente, a separação da Família.

Trazia comigo o diploma do "Ciclo Preparatório", a timidez de um lugar pequeno e a saudade que já começava.

A cidade parecia-me enorme e muito movimentada e, à noite, quando iluminada, um fascínio, para mim, que vinha de um lugar sem eletricidade nem água canalizada.

O Pe. Genuíno Madruga, meu Encarregado da Educação, levou-me ao Liceu para iniciar a minha Caderneta Escolar, selada com 7$50, assinada pelo Chefe da Secretaria, Sr. Medeiros, a 10 de setembro de 1970 e rubricada página a página pelo Reitor – Dr. Pinheiro.

Começava aqui uma nova etapa da minha vida. O Pe. Genuíno ajudou-me a copiar o horário e lá me apresentei no liceu para o meu primeiro dia de aulas. Para mim, que vinha da monodocência orientada por uma "Explicadora", era a confusão dentro da minha cabeça, ainda tenra de tantas e súbitas mudanças: alunas e alunos que subiam e desciam escadas, que caminhavam pelos corredores como formigas em busca do seu formigueiro e professores que avançavam de pasta na mão, rumo às suas salas. Tantos professores! Para a minha turma seriam dez, um para cada disciplina.

A minha Escola Primária fora na sala de uma casa particular, adaptada. De maneira que aos meus olhos, o Liceu da Horta era um edifício muito grande, novo e bonito, com suas arcadas, suas salas amplas, e arejadas, o seu ginásio, um campo de jogos, os seus laboratórios e um grupo de professores competentes e empenhados.

Aos poucos fui acertando o passo com aquele ambiente, aquela forma de ser e de estar.

Os anos foram passando, as exigências de cada disciplina aumentado de ano para ano e os colegas tornando-se gradualmente amigos para a vida.

Era o tempo do silêncio e da palavra vigiada. E chegou entretanto Abril, para nosso espanto. Não sabíamos o que significava.

Fascismo ou Democracia. Nos intervalos das aulas, através de um acompanhávamos todos os rádio pequenino a pilhas, acontecimentos: os comunicados das Forças Armadas, o rebuliço do povo nas ruas...

Falar do Liceu da Horta é revisitar a memória de um tempo imprescindível.

Belarmino Ramos
Angra do Heroísmo – 19-09-2025

RECORDAÇÕES DO LICEU DA HORTA

A minha memória transporta-me ao já longínquo ano de 1973. Havia terminado o então 5º ano no ensino particular na minha ilha natal: São Jorge. Decidido que foi que iria continuar estudos no Liceu Nacional da Horta, lá parti um dia no velhinho Terra Alta rumo a uma terra para mim quase desconhecida e para uma nova etapa na minha vida de jovem de 17 anos.

Confesso que no dia que seria o meu primeiro de aulas foi também o da partida da minha mãe que me acompanhara. Fui até à ponta da doca donde com os olhos marejados de lágrimas de uma saudade prematura acompanhei a partida do barco que a levava.

Primeiro dia de aulas… uma multidão de jovens de rostos desconhecidos, à excepção de três ou quatro conterrâneos. Num primeiro momento a minha timidez venceu sobre a vontade de aproximação a eles. Depois o primeiro contacto com os professores alguns dos quais me viriam a marcar de uma forma indelével para o resto da vida.

– O doutor Francisco do Carmo que pelas minhas feições me associou imediatamente ao meu pai que tinha sido seu colega de seminário.

– O doutor Benarús que de imediato me baptizou de "o despentiadinho de São Jorge".

– A doutora Fátima Baptista que nos cativava a todos com o seu magnifico sorriso e doçura.

– O doutor Tomás da Rosa que com os seus conhecimentos enciclopédicos nos deixava atónitos.

– O jovem professor Manuel Azevedo com a sua, para nós confrangedora exclamação ao entregar-nos os exercícios de latim "exercícios muito somenos".

– O professor Jorge Vieira que sem relógio sabia momentos antes que a campainha iria tocar assinalando o final da aula.

– O doutor Fernando Faria que com mestria nos inculcava o gosto pela história.

– O doutor Brito com as suas aulas de ginástica que quando queríamos fugir a elas bastava dizermos que estávamos mal dispostos por ter comido bacalhau.

Fecho os olhos e revejo como num filme todos os bons momentos passados no Liceu da Horta. Uma infinidade de rostos sorridentes cheios de esperança no futuro mais arreigada ainda no ano seguinte após a revolução dos cravos.

Termino com um pequeno texto que escrevi para os meus colegas sobre o nosso encontro do cinquentenário de finalistas.

Cinco décadas se passaram desde que cruzámos, pela última vez como estudantes, os portões do Liceu da Horta. Meio século de vidas vividas, de caminhos tomados, de sonhos sonhados – alguns concretizados, outros deixados pelo caminho. Ter-vos reencontrado foi um privilégio raro, um momento carregado de emoções profundas e contraditórias.

Sorrimos com alegria ao rever rostos que o tempo moldou, mas não apagou. Cada abraço, cada olhar cúmplice, cada memória evocada reacende a chama daquela juventude que ainda vive em nós. É como se, por breves instantes, voltássemos a ser aqueles rapazes e raparigas cheios de planos, dúvidas e vontade de mudar o mundo.

Mas também sentimos, no fundo do coração, uma pontada de nostalgia. É impossível não recordar os que já partiram – colegas, professores, amigos – cujas presenças foram tão marcantes e que hoje fazem falta. A sua ausência pesou, mas a sua memória iluminou o encontro. A eles, o nosso mais sentido tributo. Continuam vivos em cada história contada, em cada fotografia antiga, em cada silêncio partilhado.

Por este momento tão especial, não podemos deixar de expressar um profundo agradecimento aos que tornaram este reencontro possível. A dedicação, o carinho e o empenho dos organizadores merecem o nosso aplauso sincero. Graças a vós, este encontro não foi apenas uma celebração – foi um ato de resistência contra o esquecimento, uma homenagem à amizade, à partilha e à história que construímos juntos.

Celebrámos não apenas o passado que nos une, mas também o presente que nos permitiu reencontrar-nos – e, quem sabe, o futuro que ainda podemos viver lado a lado, mesmo que apenas em encontros como este.

Com emoção, com gratidão e com o coração cheio, deixo este registo de afeto, memória e esperança.

José Guilherme Teixeira Machado
Urzelina – 07-09-2025

A ATUAL CASA MANUEL DE ARRIAGA, INTEGRANDO O MUSEU DA HORTA, TEM UMA LONGA HISTÓRIA

Depois de pertencer àquela ilustre família titular, foi adquirida pela Diocese, por decisão do então bispo D. António de Castro Meireles. Tendo ele visitado a ilha do Faial pouco depois do devastador terramoto de 31 de agosto de 1926, aqui estudou os meios de que podia lançar mão para atenuar as consequências daquela tragédia. Dirigiu, então, um apelo aos bispos de todo o País para desencadearem peditórios a favor dos sinistrados do Faial. Além disso concebeu a ideia de fundar na Horta, as **Florinhas de São Francisco**, instituição destinada a recolher, sustentar e educar as crianças órfãs e pobres desta ilha. Comprou então o prédio dos Arriagas, apropriado ao funcionamento de tal instituição, e contou com os donativos recebidos e a receber dos peditórios realizados por todo o País e também nas comunidades açorianas da América do Norte que ele acabara de visitar nesse mesmo ano de 1926.

Aconteceu, porém, aquilo que na época foi uma inesperada surpresa, pois, logo em 1928, D. António de Castro Meireles foi nomeado bispo coadjutor do Porto com direito a sucessão. A sua saída dos Açores significou uma perda enorme. As **Florinhas de São Francisco** bem como outras iniciativas que ele tomara (aquisição dos diários **A União**, em Angra, **A Democracia** na Horta e obras no novo **Seminário**, em Angra, o **Colégio Sena Freitas** e o **Convento da Esperança**, ambos em Ponta Delgada) não tiveram apoio e interesse do seu sucessor. Assim o dinheiro que lhe haviam dado na América para a instalação e inicial funcionamento das **Florinhas de São Francisco**, e que depositara num banco no Porto, foi entregue ao seu sucessor.

Este não avançou com o seu projeto, ficando aquele extenso prédio ao serviço dos movimentos da **Ação Católica**, tendo sido bastante utilizado para formação religiosa de jovens e adultos e para os mais variados jogos (futebol, vólei, croquete, ténis de mesa) e, ainda para residência do assistente daquela, o Padre Correia da Rosa.

No final dos anos sessenta a Ação Católica foi definhando e aquele vasto espaço passou a ser utilizado como **Lar Académico**, destinado, sobretudo, a estudantes vindos das ilhas de Flores, Corvo, Pico, São Jorge que tinha como responsável o Padre Genuíno Madruga.

A revolução do 25 de abril e o extraordinário incremento educativo desencadeado pelo regime democrático e autonómico, possibilitaram que os jovens de todas as ilhas nelas realizem todo o ensino básico e secundário. Daí ter deixado de se justificar aquele **Lar Académico**.

Pertença da Igreja Diocesana, aquele grande espaço seria, com autorização e estímulo do Bispo D Aurélio Granada, destinado a um centro pastoral do Faial. Aquele prelado delegou ao Ouvidor Padre José Fortuna, o encargo de levar avante esse necessário projeto. Foram obtidas de diversas proveniências, generosas dádivas em dinheiro que permitiram a contratação dum arquiteto que elaborou o necessário projeto cuja linda maquete ainda hoje existe algures. Porém o Bispo D. António Braga (que sucedeu a D. Aurélio) não quis ou não pode avançar com esse Centro Pastoral. E o edifício e toda a área adjacente ficaram, durante largos anos, num quase abandono. Até que graças a um extraordinário movimento liderado pela Associação dos Antigos Alunos do Liceu da Horta, o Governo dos Açores e a Diocese chegaram a um acordo – que não terá sido muito divulgado – o qual permitiu que a Região ficasse dona de todo aquele grande espaço e ali reconstruísse o atual Museu – A Casa Manuel de Arriaga.

Um fato curioso é que, consoante as gerações que utilizaram aquele imóvel, ele é designado sucessivamente: **Florinhas, Ação Católica** e **Lar Académico**.

Foi ali que se hospedaram alguns dos alunos que, no passado mês de agosto, comemoraram os 50 anos do seu 7.º ano Liceal, sendo esse motivo para um encontro no ‘’seu” **Lar Académico**.

Fernando Faria – 18-09-2025
Professor de História no Liceu em 74/75

LAR ACADÉMICO (A MINHA SEGUNDA CASA)

Ao chegar à Horta, o Pe. Genuíno Madruga esperava-me no cais. Levou-me para uma casa destinada a acolher estudantes (do sexo masculino), provenientes das ilhas vizinhas (Pico, Graciosa, S. Jorge, Flores) com o intuito de prosseguir estudos no Liceu da Horta.

Tratava-se do Lar Académico, edifício onde hoje está instalado o Museu Manuel D’Arriaga.

Era uma casa grande com camaratas, sala de jogos, sala de estudo, um refeitório com mesas compridas, para além de aposentos do Pe. Genuíno, simultaneamente Diretor do Lar e Encarregado da Educação.

Após percorrer todos os recantos, escolhi a minha cama e instalei-me. Com a luz apagada, começou a passar na minha cabeça um pequeno filme: na minha casa do Topo, estariam sentados à mesa os meus irmãos, meus pais e minha avó para a ceia das costumadas sopas de leite. Senti um nó inchado na garganta e as lágrimas teimosas derramaram sobre a almofada.

Mas depressa teci laços de amizade com os outros rapazes do lar.

O Pe. Genuíno, a senhora Arminda e o marido (um casal do Pico que preparava as refeições), o Sr. Estácio que cuidava do quintal e do pomar, juntamente com os meus colegas, seriam a minha “nova família”.

O Lar Académico possuía um bom espaço exterior: um pátio, um quintal, um campo de jogos e um pomar de bananeiras com uma grande cisterna.

Nas horas vagas, fora das salas de estudo, jogávamos pingue-pongue ou futebol, passeávamos pela avenida, visitávamos a doca para observar os veleiros.

Na verdade, o Lar Académico foi a minha segunda casa.

Belarmino Ramos
Angra do Heroísmo – 19-09-2025



Os finalistas de 74-75 terminaram a jornada comemorativa na Sala de Visitas do Faial, o Salão da Sociedade “Amor da Pátria” (jantar-convívio e momento musical).

HOMENAGEM AO PROFESSOR JOSÉ AZEVEDO

O Professor José Augusto da Silva Azevedo foi homenageado no dia 28 de Agosto nas Lajes do Pico (mais propriamente na Silveira, terra que "adotou", há cerca de 60 anos), depois das primeiras experiências profissionais em vários locais da sua ilha natal, o Faial.

A homenagem foi da iniciativa dos seus antigos alunos e demais amigos.

Sensibilizada por esta ideia a Direcção da AAALH cumprimenta os organizadores (Artur Soares, Rui Ávila e Clarêncio Silva) e divulga o essencial do acontecimento. Mas, aproveita esta oportunidade para recordar alguns momentos relevantes da vida deste antigo aluno do Liceu da Horta (1945-1950). Bem conhecido pela sua *inseparável* jovialidade e atitude solidária e empenhada.



1950. Despedida do Liceu. Largo do Infante. José Azevedo é o da direita dos dois à frente.

Acrescentaremos razões porque também não o esquecemos. E olhamos com orgulho para o alto dos bonitos 92 anos. Fomos aos arquivos de memórias para o reencontrar e acrescentarmos um pouco de nós ao apreço da *festa* das Lajes do Pico.

A foto que trazemos é imagem de capa do nosso boletim n.º 30 (de 2015), mostra o ritual de passagem da despedida do Liceu da Horta (concluído o antigo 5.º ano), com a *foto de família* num local de tantas recordações, o Largo do Infante.

A passagem fez-se para um novo tempo com a admissão na Escola do Magistério Primário da Horta onde frequentou o 6.º curso (1950-1952) acedendo à profissão de professor em que se revelaria bafejado por uma vocação notável, como a homenagem veio confirmar.

JOSÉ AZEVEDO foi um Professor *à antiga*, *a tempo inteiro*. Dentro e fora da Escola. O limite do seu Magistério era a Comunidade e a vida global dos seus alunos. Não se reduzia aos cadernos e às didácticas. Sabia que só assim podia ser *bom professor*.

O nosso associado Eng. Aurélio Machado esteve na homenagem. Viveu-a como uma *reunião de amigos!* Para os ex-alunos havia uma *exigência – que o Professor Azevedo soubesse que não o tínhamos esquecido*.

O jornal histórico das Lajes do Pico, *O Dever*, enumerou as razões de tanto apreço. Uma longa lista de projectos sociais, culturais, políticos, desportivos… apelando ao sentimento de gratidão por um percurso de vida de participação cívica ímpar.

Sabemos do labor persistente de José Azevedo nos projectos educativos. Em diferentes dimensões da *educação do Povo* no pensamento da *Escola Republicana*. Terá sido aqui que mais se distinguiu e mais deu de si.

Caro JOSÉ AZEVEDO, daqui do Faial, desta tua Associação como Antigos Alunos do Liceu da Horta, *plagiando* a emoção que certamente se viveu na Silveira recordamos um dia também muito bonito, no verão de 2006, em que honrámos um velho Professor que muito admiraste no Liceu e que, por isso, te convidámos a representar a AAALH nesse *In Memoriam* ao Dr. Gabriel Baptista Simas, o eterno *Pai Simas*. Fomos homenageá-lo na sua terra no Pico, em S. Roque (no restaurante *Mar Cristalino*). Foste brilhante porque nos envolveste no encanto do uso da emoção, na tua mensagem de Saudade.

IN MEMORIAM



JOSÉ AZEVEDO 1933-2025

No texto anterior é apresentado o sentido da homenagem despertada pelos Antigos Alunos e demais amigos de José Azevedo, quando em 28 de Agosto de 2025 nas Lajes do Pico lhe manifestaram a gratidão pelo que fez por eles e pela terra que amou durante mais de 60 anos.

Na altura em que concluíamos a nossa referência sobre o mesmo sentimento soubemos do falecimento do Professor José Azevedo. Foi um choque! Ainda há dias estivera com tantos amigos!!! Mas…

Houve tempo para que a Comunidade soubesse daquele belo gesto de respeito único. Tempo para que fosse cumprimentado. Tempo para que a notícia corresse pelo seu mundo! Tempo para que chegasse a todos!

Faleceu em paz com a sua consciência. Consigo. E com os seus próximos. Com os amigos. E também com os outros. Grande. Grande. Na jovialidade de sempre.

Ocorre-nos o *In Memoriam* do Padre Paulo no último boletim da AAALH dedicado a Judite Salema. Voltamos a plagiar, acreditando que, também com José Azevedo, ***"o Céu deve andar mais animado"***.